

Acerca da medida e da desmedida na construção do habitar poético do homem sobre esta terra

Affonso Henrique Vieira da Costa *

Resumo

Esse trabalho, em se aproximando da poesia de Hölderlin, visa à compreensão do que Heidegger chama de habitar poético do homem. Ele, por sua vez, pressupõe a pergunta: “Existe sobre a terra uma medida?” Com isso, intenta encaminhar uma investigação em torno da relação entre a existência humana e a essência da poesia. Tal investigação, conduzida pela pergunta acerca da medida, põe-nos, atualmente, em uma discussão aberta com a técnica e com a sua essência, onde a tensão entre medida e desmedida aparece de maneira privilegiada.

Palavras-chave

Medida; Desmedida; Poesia; Habitar poético; Técnica.

Abstract

This work, in approaching Hölderlin’s poetry, aims at understanding what Heidegger calls “poetically man dwells”. It, in turn, presupposes the question: "Is there a measure on earth?" In this way he attempts to conduct an inquiry into the relationship between human existence and the essence of poetry. This investigation, led by the question about measurement, now puts us in an open discussion with technique and its essence, where the tension between measure and unmeasured appears in a privileged way.

Keywords

Measurement; Unmeasured; Poetry; Dwelling poetically; Technique.

* Professor Adjunto de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro PPGF/UFRRJ.

O trabalho ora proposto, desde um debate com a poética de Hölderlin, pretende desenvolver-se no sentido do que Heidegger procura pensar acerca de uma indagação experimentada pelo poeta: “Existe sobre a terra uma medida?” Tal indagação joga, de certa maneira, o pensador em uma tensão entre medida e desmedida, o que impõe uma meditação acerca do habitar poético do homem sobre esta terra. É, portanto, na tentativa de trazer à tona esta tensão e perceber sua relação com o habitar poético, buscando pensar também a relação entre poesia e existência, que esse breve texto se dispõe.

Porém, para que seja possível dar início aos problemas apresentados, ouçamos o poema “Os carvalhos”. Nele, Hölderlin escreve:

Dos jardins venho eu ter convosco, ó filhos do monte!
Dos jardins onde, paciente e doméstica, a Natureza vive,
Cuidosa e juntamente cuidada c’o homem diligente.
Mas vós, Magníficos! Erguei-vos como um povo de Titãs
No mundo mais manso e a vós sós pertenceis e ao céu,
Que vos sustentou e criou e à terra, que de si vos pariu.
Nenhum de vós foi ainda aprender à escola dos homens,
E alegres e livres irrompeis, da forte raiz,
Uns entre os outros e agarrais, como a águia a presa,
Com braço potente o espaço, e contra as nuvens
Se vos ergue serena e grande a copa solheira.
Cada um de vós é um mundo, como estrelas do céu
Vós viveis, um deus cada qual, juntos em livre união.
Pudesse eu tolerar a servidão, e já não invejava
Este bosque e bem me amoldava à vida em comum.
Não me prendesse já à vida em comum o coração,
Que não deixa de amar, como eu gostaria de morar entre vós!¹

Extraímos do poema os seguintes versos: “Pudesse eu tolerar a servidão, e já não invejava/Este bosque e bem me amoldava à vida em comum?”. O que o poeta nos diz? Ele nos diz que não se acostuma à vida em comum e esse não se acostumar faz com que ele inveje os carvalhos. Os carvalhos, por sua vez, são árvores gigantescas, que crescem em direção ao céu, desde o fundo de suas raízes, mergulhadas na terra.

¹ HÖLDERLIN, Friedrich. *Poemas*. 2ª ed. Prefácio, seleção e tradução de Paulo Quintela. Coimbra: Atlântida, 1959, p. 25.

No poema, o entre céu e terra mostra-se a partir dos carvalhos como aquilo que se desdobra cada vez mais desde um enraizamento na terra. Não se pretende abandonar a terra e nem aquilo que é terrestre. Ao contrário. Parece que quanto mais a terra é assumida como terra, mais se eleva o poeta no horizonte aberto pelo céu. Por outro lado, também podemos dizer que quanto mais o horizonte do céu é aberto, mais o poeta se enraíza enquanto aquele mortal que é desde as profundezas da terra.

No texto *Serenidade*, nas suas primeiras páginas e no final, Heidegger cita o poeta Peter Hebel, que diz: “Nós somos plantas que – quer nos agrade confessar quer não –, apoiadas nas raízes, têm de romper o solo, a fim de poder florescer no Éter e dar frutos”².

A mesma imagem, que se encontra presente na poesia de Hölderlin, aqui é evocada por Hebel e é apropriada por Heidegger. Segundo o filósofo, em correspondendo a esse texto, toda obra para ser obra precisa afundar-se no solo natal, pátrio, a partir do qual há de crescer em direção ao céu, à esfera do espírito.

Ao fazer uma homenagem à obra do músico Conradin Kreutzer, pensando na tensão entre o pensamento que calcula e o pensamento que medita, vem à luz o texto de Hebel e com ele as questões singelas e radicais:

Existe ainda esse habitar tranquilo do homem entre a terra e o céu? (...)
Existe ainda uma terra natal, de raízes fortes no solo, na qual o homem se encontra permanentemente, quer dizer, onde o homem está enraizado?³

Um pouco adiante, o próprio Heidegger expõe o lugar e o alcance de suas questões: “A perda do enraizamento provém do espírito da época, no qual todos nós nascemos”⁴.

Essa perda de enraizamento, evocada por Heidegger, é pressentida, de alguma maneira, tanto por Hebel quanto por Hölderlin. No caso de Hölderlin, de acordo com o interesse desse trabalho, é o que se manifesta com a afirmação, em seus versos, contidos no poema “No azul sereno...”, que dizem: “... poeticamente o homem habita...”.

A fala precisa acerca do habitar poético do homem, justamente em meio ao perigo maior desse mesmo homem não encontrar mais a medida a partir da qual possa apropriar-se de sua humanidade, traz à tona a questão acerca de seu desenraizamento. Tal processo

² HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Tradução de Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, p. 15 e p. 27.

³ Idem, p. 16.

⁴ Idem, p. 17

(de desenraizamento) impõe a ele uma desmedida no interior da qual ele se vê como aquele que abre um caminho em que ele mesmo se descobre como “o mestre, senhor e possuidor da natureza”⁵.

Essa tentativa de se assenhorar do real, de até mesmo corrigi-lo, tem sua proveniência com o advento da técnica e a necessidade imperiosa de controle de tudo quanto há e é, de modo a integrar toda a realidade desde a sua essência, compreendida por Heidegger como com-posição, armação, arazoamento – *Gestell*. Com isso, correspondendo inadvertidamente ao sentido da técnica, o homem está inserido numa “armação” em que, cada vez mais, a possibilidade de abertura para a compreensão da técnica vai se fechando na mesma proporção em que a ela (à técnica) ele vai se entregando. Faz parte da técnica e de sua essência dispor de tal maneira do homem que o impede cada vez mais de ir ao encontro de seu sentido a partir de um desvelamento mais originário. Contrariamente a este desvelamento, a técnica incita o homem a desafiar e a provocar a natureza, que se torna fornecedora de energia necessária a ser beneficiada e armazenada⁶.

A questão acerca da medida, como é possível de se observar, não é qualquer questão. Ela é aquela que, ao ser colocada, dispõe o humano diante de seu modo de ser. Está aí em jogo todo o seu afazer e até mesmo todo o seu deixar de fazer. Qual a proveniência de suas ações? A que sentido ele obedece quando se lança na produção de seu viver? A passagem de Hölderlin, que diz “Cheio de méritos, mas poeticamente/ o homem habita esta terra”, faz-nos transportar para uma dimensão não somente dos trabalhos diários que vão constituir isso que nomeamos, ao longo dos tempos, como cultura, mas também, e acima de tudo, para o que o poeta denomina de habitar poético, a “dimensão” a partir da qual qualquer outra habitação torna-se possível.

A habitação, conforme pode ser visto, pressupõe um sentido. A compreensão desse sentido a partir da pergunta se “Existe sobre a terra uma medida?” encaminha uma investigação em torno da relação entre a existência humana e a essência da poesia. Tal investigação, conduzida pela pergunta acerca da medida, põe-nos, atualmente, em uma discussão aberta com a técnica e com a sua essência, onde a tensão entre medida e desmedida aparece de maneira privilegiada.

⁵ Cf. Descartes em *Discurso do método*.

⁶ HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 19.

Trata-se, diante disso, de liberar esforços para que seja possível uma introdução em direção a um questionamento em torno do que é propriamente a medida, de tal modo que ele se manifeste juntamente com o sentido que Heidegger dá à técnica moderna e, em seu seio, ao habitar poético, desde o qual a essência da linguagem, tomada como um apelo que chega ao homem, possa ser acolhida e posta em evidência.

No entanto, isso só poderá ser encaminhado por meio de uma exposição que não somente parta das diferenças entre o poetar e o pensar, como também, em seu interior, procure, a partir de um “mesmo”, pensar desde as suas identidades, de maneira que se torne possível fazer aparecer o sentido de medida em uma articulação com a essência da linguagem no contexto da construção do habitar poético do homem sobre esta terra.

Para que atinjamos tal intento, procuramos pensar inicialmente em uma passagem do texto “... *poeticamente o homem habita...*”, de Martin Heidegger. Diz a passagem: “O divino é a medida com a qual o homem confere medida ao seu habitar, à sua morada e demora sobre a terra, sob o céu”⁷.

Onde nos encontramos? Diante de palavras que não são meras palavras, isto é, que não são meras representações, mas sim procuram ser palavras de pensamento no momento em que se dispõem a ir ao encontro da coisa em questão, a saber: o problema do habitar poético do homem sobre esta terra, da medida a partir da qual pode o homem vir a ser o que ele mesmo é. As palavras que giram em um conjunto no âmbito do pensamento do filósofo na passagem citada são: Divino, Medida, Homem, Habitar, Demora, Céu e Terra. Não se trata aí de palavras utilizadas de maneira a querer esquematizar o que quer ser dito. Bem antes, trata-se de uma exigência daquilo que quer, que precisa aparecer, que se mostra como fenômeno.

Não é à toa, portanto, que Heidegger mesmo escreve, no texto em questão, as seguintes palavras, que falam do deus desconhecido e de sua aparição: “Esse aparecer é a medida com a qual o homem se mede”⁸. O homem não se mede com o dado. Isto quer dizer: Ele não se mede com aquilo que traz méritos, mas com o poético. O que lhe traz méritos é o já constituído. O poético, bem diferente, funda o que permanece. O homem só é digno de méritos porque bem antes é dada a ele a possibilidade de fundar o que

⁷ HEIDEGGER, Martin. “poeticamente o homem habita...”. In: *Ensaíos e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 172

⁸ HEIDEGGER, Martin. “poeticamente o homem habita...”. In: *Ensaíos e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 174.

permanece. É o que o próprio Hölderlin nos sinaliza ao final de seu poema “Recordação”: “Mas o que fica, os poetas o fundam”⁹.

O que quer dizer aí “fundar”? Fundar é um retroceder ao dar-se das coisas. É, no seio do transitório, encontrar-se com o permanente. A exposição, tanto ao transitório quanto ao permanente, dá-se no *Da-sein*, no ser-aí, ou seja, no aí, no aberto do próprio ser. Na abertura do ser-aí pode o homem, enquanto poeta, “apreender, no tempo devorador, um permanente qualquer e fixá-lo na palavra”¹⁰. O poeta é aquele que funda o permanente, extraindo “o simples da confusão, a medida da desmedida”¹¹.

O estar sob o céu e sobre a terra é o lugar do homem que, ao erguer seu olhar para cima, mede-se com o estranho. A possibilidade da medida, que não é algo numérico e afeito a contabilidades, dá-se nesse “instante” que se abre e que Heidegger chama de “dimensão”. É a dimensão “comedida”, o próprio aberto que, ao revelar o estranho, faz com que o homem, em deixando a terra ser, seja o homem que ele próprio é, no entre-ser de céu e terra. Na revelação do estranho em seu ocultar-se, revela-se também ao homem o mortal que ele mesmo é. E é enquanto mortal que a ele se abre o que anteriormente denominou-se de permanente.

Mas, o que é esse “permanente”? É o que perdura, o que tem uma duração enquanto se recolhe, se retrai. É propriamente o que está em vigência, não como a metafísica o compreenderia tendo em vista o sentido de *essentia*, daquilo que é sempre presente e paira por sobre todas as coisas, mas como o que se desdobra e se dá enquanto o que se retrai.

É desse retraimento que as palavras de Hölderlin acerca do deus desconhecido – daquele que aparece como o céu – sobrevivem. Nesse aparecer “como”, dá-se o retraimento do próprio deus – a sua estranheza. É no seio da estranheza do recolhimento que o que é no modo do “como” se mostra em toda a sua inteireza e limpidez. Nessa inteireza e limpidez aparece o que é, para o homem, o mais familiar, a saber, de acordo com o poema de Hölderlin, a fisionomia do céu. “O desconhecido destina-se ao que familiar para o homem e estranho para o deus a fim de manter-se resguardado como desconhecido”¹².

⁹ HEIDEGGER, Martin. Hölderlin e a essência da poesia. In: *Explicações da poesia de Hölderlin*. Tradução de Claudia Drucker. Brasília: Editora UnB, 2013, p. 51.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

¹² HEIDEGGER, Martin. “poeticamente o homem habita...”. In: *Ensaíos e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 176.

De acordo com isso, o poeta canta o familiar e, em seu canto, deixa ver aquilo que se recolhe, o próprio desconhecido. É por isso, por conta de seu deixar ver, desse seu pressentimento, que Heidegger pode dizer que o poeta, “quando é poeta, não descreve o mero aparecer do céu e da terra”¹³. O que está em jogo aí é o por meio de quê o céu pode aparecer como céu e a terra como terra, isto é, o que neste aparecer de céu e terra, em seu desocultamento, se deixa mostrar “precisamente como o que se encobre”¹⁴. Com isso, pode-se dizer: Aquilo que em seu aparecer se mostra ao homem como o mais familiar traz consigo, ao mesmo tempo, o estranho, o desconhecido. A poesia de Hölderlin, neste sentido, é poesia porque justamente faz aparecer esse desconhecido como desconhecido. Ela é, em seu fundo, um constante apelo para o seu aparecimento.

É justamente nesse apelo que se dá a medida do homem. Por isso, Heidegger afirma que “para o poeta, vislumbrar essa medida, medi-la como medida e tomá-la como medida, tudo isso tem um nome: ditar poeticamente.”¹⁵ É neste sentido que, acompanhando a interpretação do filósofo, pode-se dizer que “Hölderlin pensa a poesia como um medir.”¹⁶ É ditando poeticamente que o homem chega a ser o que ele é, habitando sobre esta terra. Diz-se “sobre esta” terra justamente para afastar-se da compreensão comum que toma o poético como algo proveniente da imaginação, como algo fantasioso e que paira acima do real, até mesmo como algo irreal.

Mas, afinal de contas, como se mede essa medida? Para que ela se dê não cabe nenhuma manipulação. Não se trata aí também de nenhuma medida que se toma através de um instrumento. Ela não é uma medida calculável. Ela não pretende apreender o que quer que seja em seu aparecer. Ela simplesmente deixa ser. É uma medida que se mede desde um resguardar de uma determinada distância – uma distância necessária ao aparecer do que quer vir à tona. “Isso acontece num tomar que nunca extrai de si a medida, mas que a toma num levar em conta integrador, esse que permanece uma escuta”¹⁷. Escuta aqui, diz: Atenção concentrada ao que vem. Uma espécie de pressentimento antecipatório. É o que nos indica Heidegger no seu texto “Assim como em dia santo”:

¹³ Idem, p. 177.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem, p. 175.

¹⁶ HEIDEGGER, Martin. “poeticamente o homem habita...”. In: *Ensaíos e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 175.

¹⁷ Idem, p. 174.

“O presentimento pensa antecipadamente no distante, que não distancia, mas, ao contrário, vem a nós”¹⁸.

A ausência de medida presente em nossa época histórica, a sua desmedida propriamente dita, revela-se no modo como o homem busca ir ao encontro das coisas. Ele procura reduzir as distâncias acreditando que isso quer dizer proximidade. Ele não percebe, justamente por corresponder inadvertidamente à técnica, que quanto mais ele encurta as distâncias, acreditando que as coisas assim vão a ele se mostrar, mais elas recuam e, junto a esse recuo, mais dão a aparência de que a ele se entregam.

O que se apresenta, diante desse acontecimento, a saber, da supressão das grandes distâncias, em que “tudo se torna igualmente próximo e igualmente distante”, em que “tudo não fica nem distante e nem próximo”¹⁹? Heidegger mesmo nos responde: “Tudo está sendo recolhido à monotonia e uniformidade do que não tem distância”²⁰. Na superação de todo distanciamento e de qualquer afastamento, a proximidade dos seres está ausente²¹.

Neste sentido, Hölderlin é o “poeta do poeta” porque canta o estertor da ausência dessa proximidade, que se dá no que há muito se denomina de “tempos de indigência com a fuga dos deuses”. Nesse seu canto, o poeta atinge o humano em sua abertura, o próprio *Da-sein*, ser-aí. É, portanto, no aberto de seu ser (*Da*, aí) que isso que é o habitar poético se manifesta como o que faz “permanecer na presença dos deuses e ser atingido pela proximidade essencial das coisas”²².

No aberto de seu ser, o poeta se mede com o divino, vendo-se pertencendo ao “intervalo entre deuses e homens”, que “decide quem o homem é e onde seu modo de ser estabelece seu domicílio”²³. Justamente por Hölderlin poematizar este “lugar”, a poesia jamais aparecerá para ele como algo disponível no âmbito de um setor cultural. Da mesma maneira, a língua, a linguagem propriamente dita, jamais aparecerá como expressão de um sujeito. Na sua poética, a língua se revela de maneira primordial, como necessidade de dizer o divino e, em dizendo o divino, fazendo aparecer o humano naquilo que ele mesmo é.

¹⁸ HEIDEGGER, Martin. Assim como em dia santo. In: *Explicações da poesia de Hölderlin*. Tradução de Claudia Drucker. Brasília: Editora UnB, 2013, p. 67.

¹⁹ HEIDEGGER, Martin. A coisa. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 144.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

²² HEIDEGGER, Martin. Hölderlin e a essência da poesia. In: *Explicações da poesia de Hölderlin*. Tradução de Claudia Drucker. Brasília: Editora UnB, 2013, p. 53.

²³ Idem, p. 58.

Mas de onde provém essa necessidade de dizer? Precisaríamos, assim como Hölderlin, ir ao encontro da “fuga dos deuses” (experimentando-a) e da indigência que impera em nossa época histórica para, de alguma maneira, sermos tomados por essa necessidade? O que propriamente é esse dizer?

Esse dizer não é um simples falar. Também não é uma simples expressão de um sentimento qualquer. Nem mesmo se trata aí de uma representação simbólica. Ele tem sua proveniência na assunção ao terrestre, na tomada de medida que põe o homem no entre céu e terra, no lugar em que ele é todo escuta e, em sendo assim, ganha uma medida. “É, no entanto, uma medida mais simples de se manejar, ao menos enquanto nossas mãos não querem manipular, mas apenas se deixar guiar por gestos que correspondem à medida que aqui se deve tomar”²⁴. Esse tomar não extrai de si a medida, mas provém de uma auscultação atenta e minuciosa a um sentido que aí se interpõe, tomando o humano em seu ser.

Nesse ganhar uma medida, em que o homem é todo escuta, um apelo chega junto a ele, solicitando-o no sentido do extra-ordinário. Aí e somente aí o homem dá o salto (*Ursprung*) para dentro de sua essência, apreendendo-a em sua inteireza, sendo todo desde e para ela. E esse ser todo desde e para ela é o que possibilita que ele mesmo, em se apropriando dessa medida, possa ditar poeticamente, isto é, seja pura eclosão, pura exposição. Por isso, “A poesia é essa tomada de medida e, na verdade, em favor do habitar humano”²⁵.

É em habitando poeticamente que o homem mede. É aí, sob o céu e sobre a terra, nesse entre-ser, em medindo, justamente por pertencer à terra, que o homem pode ir ao encontro da “dimensão”, suportando-a. Em uma tal suportaçã, encontrando-se com a “dimensão”, pôde Hölderlin escrever, no âmbito da linguagem originária, esse fragmento tomado por Heidegger: Sempre, meu caro, a terra / Passa e o céu permanece.

São palavras provenientes da medida que é medida pelo homem no âmbito de seu habitar. Uma medida que está bem distante daquela compreendida pela representação cotidiana. Ela não precisa de instrumentos nenhuns para medir. Ela repousa em outra esfera, fundadora daquela e, por isso, anterior, mais originária. Ela, diferentemente, daquela, “deixa vir ao encontro o que está na medida”²⁶.

²⁴ HEIDEGGER, Martin. “poeticamente o homem habita...”. In: *Ensaíos e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 174.

²⁵ Idem, p. 175.

²⁶ Idem, p. 176.

Mas, já é tempo de se perguntar: O que é essa “dimensão”?

Um pouco acima, esboçamos algo acerca da “dimensão”. No entanto, tentaremos abordar isso um pouco mais. Para tanto, ouçamos com atenção as palavras do filósofo:

Somente no âmbito do esforço é que o homem se esforça por “méritos”. Somente assim ele consegue tantos méritos. Mas justo nesse esforço e por esse esforço concede-se ao homem levantar os olhos para os celestiais. Não obstante esse levantar os olhos percorra toda direção acima rumo ao céu, permanece no abaixo da terra. Esse levantar os olhos mede o entre céu e terra. Esse entre possui uma medida comedida e ajustada ao habitar do homem. Chamaremos de dimensão a medida comedida, aberta através do entre céu e terra. A dimensão não surge porque céu e terra estejam voltados um para o outro. Ao contrário. Esse voltar-se para o outro repousa sobre a dimensão. A dimensão tampouco é uma extensão do espaço, entendido segundo a sua representação habitual. No sentido de arrumado, espaçado, o espacial já sempre necessita da dimensão, ou seja, daquilo a partir do qual é concedido.²⁷

Lendo esta passagem de Heidegger, lembramo-nos logo de Édipo Rei. Em todos os seus caminhos e descaminhos, que passam pela fuga dos pais que o adotaram e pelo assassinato do Rei Laios, seu verdadeiro pai; pela vitória sobre a Esfinge; pela conquista do trono da cidade de Tebas; pelo casamento com sua mãe Jocasta e pela prole que com ela ele teve; pela tragédia que o leva à cegueira e à condenação ao desterro; pela expulsão da cidade e, por fim, pelo cumprimento do oráculo que o faz dirigir-se à Atenas com sua filha Antígona. Lá, onde todos dele se afastam porque pressentem que na sua proximidade estão os deuses, responsáveis pela sua desdita, Édipo mede-se a todo instante com o divino, principalmente ao dirigir-se para o local em que vai ser acolhido pelos deuses. Nessa tragédia, próximo de seu final, encaminhando-se para a morte, após despedir-se das filhas Antígona e Ismene, um imenso silêncio se fez e dele

Subitamente uma voz se elevou, chamando-o;
num instante os cabelos dos três se arrepiaram
quando se ouviu a voz insistente do deus:
“Por que tardamos tanto a pôr-nos a caminho,

²⁷ HEIDEGGER, Martin. “poeticamente o homem habita...”. In: *Ensaíos e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 172.

Édipo? Fazes-te esperar há muito tempo!”²⁸

Depois disso, Édipo segue o seu destino sem mais precisar de guia. Cego, vê o divino, encaminha-se para o fim. Somente Teseu encontra-se com ele. Somente Teseu presenciou os fatos. É o que ainda nos conta o Mensageiro:

Quando nos afastávamos, logo depois,
olhamos para trás e notamos que Édipo
já não estava lá; vimos somente o rei
com as mãos no rosto para proteger os olhos
diante de alguma visão insuportável.
Pouco depois – quase no mesmo instante – vimo-lo
fazendo preces e adorando juntamente
a terra e o divino Olimpo com seus gestos.
Mas nenhum dos mortais, salvo o próprio Teseu,
pode dizer como Édipo chegou ao fim.²⁹

No momento de sua morte, eis que, cego, Édipo viu. Encontrou-se consigo mesmo junto a terra e mediu-se com o divino. Essa medida é comedida, pois se fez desde a sua finitude, desde o seu junto a terra, desde uma situação fundamental que o permitiu olhar para o céu e ver-se nesse entre céu e terra, sob o céu e sobre a terra. Como mortal, na experiência de sua mortalidade, teve acesso à divindade. É somente aí que se dá a habitação do homem. Todo habitar poético nela (na mortalidade) se funda. É o que as palavras de Sófocles também querem nos dizer quando da atitude de Teseu. Ele protege os olhos e, logo em seguida, tomado pelo terror da presença do divino, bem junto a terra, faz preces a ela e ao alto, ao divino Olimpo.

Para além de todo mérito, diz-nos Heidegger, é concedido ao homem, enquanto mortal, depois de todo esforço, “levantar os olhos para os celestiais”. Aí se dá “dimensão”, isto é, a medida a partir da qual mundo se faz mundo, num movimento em que céu e terra já se apresentam numa mútua implicação. Não há, como nos ensina o filósofo, céu e terra para depois haver uma dimensão. A dimensão já põe e dispõe de céu

²⁸ SÓFOCLES. Édipo em Colono. In: *A trilogia tebana*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 188 (1926-1930).

²⁹ SÓFOCLES. Édipo em Colono. In: *A trilogia tebana*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 188 (1954-1961).

e terra. Ela espacializa. Ela concede o lugar, os lugares. Fora dela não há nada. A dimensão comedida é medida certa para que mundo se dê em seu processo de organização e de estruturação. A medida comedida é abertura para o extra-ordinário, para o fato de que todas as coisas sejam e antes não sejam. A medida comedida nos transporta para a admiração com relação ao divino, para a unidade de céu e terra, mortais e imortais, para aquilo que é nomeado por Heidegger no texto *A coisa*, de Quadratura. Esta, por sua vez, na sua simplicidade – na simplicidade dos quatro – traz à luz o mundo em seu dar-se, em seu processo de configuração, conduzindo nosso olhar para o próprio começo, *arché*.

É para esse olhar inaugural que o poema de Hölderlin nos convoca. A sua poética clama para que adentremos a nossa essência e habitemos poeticamente sobre esta terra. Esse clamor provém de um apelo que chegou ao poeta e permitiu todo o seu dizer. Um dizer que experimentou, na sua extrema solidão, a fuga dos deuses e o processo de desertificação da terra, em que o homem se afasta cada vez mais de sua mortalidade com promessas de correção da realidade instauradas pelo advento da técnica. Hölderlin não diz à toa que Édipo tem um olho a mais. Resta saber, como nos instiga Heidegger,

Se, no entanto, o homem fica cego, então sempre ainda se pode colocar a pergunta se a cegueira provém de uma falta e perda ou se consiste num excesso e abundância desmedida³⁰.

O habitar sem poesia funda-se numa desmedida. E é em seu seio que o filósofo pensa na possibilidade de uma virada a partir do poético, pois “a poesia é um construir em sentido inaugural. É a poesia que permite ao homem habitar sua essência. A poesia deixa habitar em sentido originário”³¹.

A virada, por sua vez, exige, antes, uma preparação a partir de uma entrega a um sentido mais próprio que atravessa toda a técnica. Esta, em sendo o maior perigo, ameaça a essência do homem e a possibilidade de um desvelamento mais originário. Diante disso, Heidegger diz-nos, por fim, que “Se e quando uma virada nesse habitar sem poesia há de acontecer, isso só devemos esperar prestando atenção ao poético”³².

³⁰ HEIDEGGER, Martin. “poeticamente o homem habita...”. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 179.

³¹ Idem, p. 178.

³² Idem, p. 179.

Bibliografia

- HEIDEGGER, Martin. A coisa. In: *Ensaaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. A questão da técnica. In: *Ensaaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. Assim como em dia santo. In: *Explicações da poesia de Hölderlin*. Tradução de Claudia Drucker. Brasília: Editora UnB, 2013.
- _____. Hölderlin e a essência da poesia. In: *Explicações da poesia de Hölderlin*. Tradução de Claudia Drucker. Brasília: Editora UnB, 2013.
- _____. “poeticamente o homem habita...”. In: *Ensaaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Serenidade*. Tradução de Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Poemas*. 2ª ed. Prefácio, seleção e tradução de Paulo Quintela. Coimbra: Atlântida, 1959.
- SÓFOCLES. Édipo em Colono. In: *A trilogia tebana*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.